



FICHA 3ª (DEZEMBRO)

...ser artesãos de comunhão...

UMA CONGREGAÇÃO SINODAL

I. ORAÇÃO

Consagração à Santíssima Trindade

Ó Trindade divina, Pai, Filho e Espírito Santo, presente e atuante na Igreja e no mais profundo do meu ser, eu vos adoro, vos agradeço e vos amo. E, pelas mãos de Maria, minha mãe santíssima, eu me ofereço, entrego e consagro inteiramente a vós, nesta vida e na eternidade.

Pai celeste, a vós me ofereço, entrego e consagro como filho.

Jesus Mestre, a vós me ofereço, entrego e consagro como irmão e discípulo.

Espírito Santo, a vós me ofereço, entrego e consagro como “templo vivo” para ser consagrado e santificado.

Ó Maria, mãe da Igreja e minha Mãe, vós que estais na Trindade Divina ensinai-me a viver, por meio da liturgia e dos sacramentos, em comunhão sempre mais profunda com as três Pessoas divinas, a fim de que a minha vida inteira seja um “glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo”. Amém.

II. LEITURA DO TEXTO BÍBLICO

Da primeira carta de são Paulo aos Coríntios (1Cor 12,12-14.19-22.24-31; 13)

12 ¹²De fato, o corpo é um só, mas tem muitos membros; e no entanto, apesar de serem muitos, todos os membros do corpo formam um só corpo. Assim acontece também com Cristo. ¹³ Pois todos fomos batizados num só Espírito para sermos um só corpo, quer sejamos judeus ou gregos, quer escravos ou livres. E todos bebemos de um só Espírito.

¹⁴O corpo não é feito de um só membro, mas de muitos. [...] ¹⁹ Se o conjunto fosse um só membro, onde estaria o corpo? ²⁰Há, portanto, muitos membros,

IV. ORAÇÃO

Oração a são Paulo

São Paulo apóstolo, vós evangelizastes o mundo inteiro com vossa doutrina e vosso amor. Olhai com bondade para todos nós, vossos filhos e discípulos.

Tudo esperamos de vossa intercessão junto ao divino Mestre e junto a Maria, Rainha dos Apóstolos. Fazei, ó Doutor dos gentios, que vivamos de fé e nos salvemos pela esperança, e que somente a caridade reine em nossos corações. Obtende-nos, ó Vaso de eleição, que correspondamos com docilidade à graça divina, a fim de que ela frutifique em nós. Fazei que vos possamos conhecer, amar e imitar sempre mais e melhor. Que sejamos membros vivos da Igreja, corpo místico de Cristo. Suscitai muitos e santos apóstolos. Um sopro de verdadeira caridade se propague por todo o mundo. Que todos conheçam e glorifiquem a Deus e ao divino Mestre, Caminho, Verdade e Vida.

Senhor Jesus, vós sabeis que nossa confiança não se apoia em nossas próprias forças. Concedei-nos, pela vossa misericórdia, que sejamos defendidos de toda adversidade: nós vo-lo pedimos pela poderosa intercessão de são Paulo, nosso mestre e pai.

Oração para o capítulo geral

Ó Espírito divino, que, enviado pelo Pai em nome de Jesus, assistis e guiais infalivelmente a Igreja, infundi sobre o nosso Capítulo a plenitude dos vossos dons.

Ó suave Mestre e Consolador, iluminai a nossa mente, fazei com que deste Capítulo madurem frutos abundantes; novo vigor caracterize o nosso empenho de santificação e de apostolado; sempre mais se difunda a luz e a força do Evangelho entre a humanidade.

Ó doce hóspede das almas, confirmai as nossas mentes na verdade, disponhais à obediência todos os corações, a fim de que as deliberações do Capítulo encontrem consentimento generoso e total adesão.

Renovai na nossa Família os prodígios de um novo Pentecostes. Concedei que, unida em unânime e intensa oração, com Maria, Mãe de Jesus, e os apóstolos, difunda o reino do Mestre divino, no espírito de são Paulo. Amém.

mas um só corpo. ²¹O olho não pode dizer à mão: “Não preciso de você”; e a cabeça não pode dizer aos pés: “Não preciso de vocês.” ²²Os membros do corpo que parecem mais fracos são os mais necessários [...] ²⁴[...] Deus dispôs o corpo de modo a conceder maior honra ao que é menos nobre, ²⁵ a fim de que não haja divisão no corpo, mas os membros tenham igual cuidado uns para com os outros. ²⁶Se um membro sofre, todos os membros participam do seu sofrimento; se um membro é honrado, todos os membros participam de sua alegria.

²⁷Ora, vocês são o corpo de Cristo e são membros dele, cada um no seu lugar. ²⁸Aqueles que Deus estabeleceu na Igreja são, em primeiro lugar, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres... A seguir vêm os dons dos milagres, das curas, da assistência, da direção e o dom de falar em línguas. ²⁹ Por acaso, são todos apóstolos? Todos profetas? Todos mestres? Todos realizam milagres? ³⁰Têm todos o dom de curar? Todos falam línguas? Todos as interpretam? ³¹Aspirem aos dons mais altos. Aliás, vou indicar para vocês o caminho mais sublime.

13 ¹Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e dos anjos, se eu não tivesse o amor, seria como sino ruidoso ou como címbalo estridente.

²Ainda que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência; ainda que eu tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse o amor, eu não seria nada. ³Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse o amor, nada disso me adiantaria.

⁴O amor é paciente, o amor é prestativo; não é invejoso, não se ostenta, não se incha de orgulho. ⁵Nada faz de inconveniente, não procura seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor. ⁶Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. ⁷Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. ⁸O amor jamais passará. As profecias desaparecerão, as línguas cessarão, a ciência também desaparecerá. ⁹Pois o nosso conhecimento é limitado; limitada é também a nossa profecia. ¹⁰Mas, quando vier a perfeição, desaparecerá o que é limitado. ¹¹Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Depois que me tornei adulto, deixei o que era próprio de criança.

¹²Agora vemos como em espelho e de maneira confusa; mas depois veremos face a face. Agora o meu conhecimento é limitado, mas depois conhecerei como sou conhecido. ¹³Agora, portanto, permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e o amor. A maior delas, porém, é o amor!

se regozija com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta» (13,4-7). Paulo considera o amor no contexto das relações humanas. É isto que os forma no modo melhor e mais são. É também “o meio” e o modo mais eficaz para superar as dificuldades, para superar os pecados nas relações e para sarar dos efeitos causados por eles.

«*Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Depois que me tornei adulto, deixei o que era próprio de criança»* (13,11). O dinamismo da vida, a capacidade de mudar que queremos viver como um contínuo desenvolvimento e maturação, aplica-se também à realidade do amor. Por um lado, o amor mesmo deve amadurecer até realizar-se como dom de si; por outro lado, determina a direção das mudanças nas relações com Deus, consigo mesmos, com os outros e com o mundo.

Confronto com a palavra de Deus

À luz desta palavra, lê os trechos do *Instrumentum laboris*: INTERPRETAR à luz da fé, 22-24. *Formação ao exercício da autoridade...* (p. 48-50), *Leigos e Paulinos juntos* (p. 50-51). *Família Paulina* (p. 51-52).

Ser um “editor paulino” e um homem de comunicação significa fazer da realidade das relações o espaço fundamental para a realização da própria identidade e missão. É claro que só permanecendo na rede de relações e construindo-a constantemente podemos crescer e comunicar o Evangelho vivificante aos outros, cumprindo “a caridade da verdade”.

O amor, que por sua natureza é uma relação, exige de nós um empenho a colocá-lo continuamente como princípio guia da nossa vida. Em primeiro lugar, isto significa plasmar através do amor os contextos imediatos de nossa vida paulina: a comunidade, incluindo as relações com os superiores, as relações com aqueles com os quais colaboramos no apostolado, e a realidade da Família Paulina. A direção destas mudanças foi esclarecida pelo Mestre Divino: «*Este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como eu vos amei*» (Gv 15,12).

Ressonâncias pessoais

Que lugar tem o amor em minhas motivações? Quais ações cumpro por motivos de amor?

Como consigo formar relações de amor com os Irmãos, com os leigos e com os membros da Família Paulina. Posso dar alguns exemplos concretos?

Qual é a maior dificuldade para mim em exercitar o amor para com os outros? Como posso procurar superá-la?

Nenhum órgão do corpo, nem alguém sozinho, vive e trabalha somente para si mesmo. O fruto de seu correto funcionamento é a saúde do inteiro organismo. Portanto, o princípio do trabalho cooperativo aplica-se também àqueles que, por natureza das funções a eles confiadas, as cumprem sozinhos ou com pouca participação direta de outros Irmãos. Seja qual for a responsabilidade, todos nós nos beneficiamos sempre da presença e do trabalho dos demais. Ninguém deve tudo a si mesmo.

Ressonâncias pessoais

Em que medida uso os meus dons pessoais e me empenho em multiplicar o bem comum e a levar adiante a missão da Congregação?

Qual é a maior dificuldade para mim em colaborar com os demais? Como posso procurar de superá-la?

Como exprimo minha gratidão por aquilo que recebo dos outros coirmãos e das pessoas com as quais colaboro?

3. Princípio guia

«*Aliás, vou indicar para vocês o caminho mais sublime*» (12,31); «*O amor jamais passará*» (13,8). As reflexões de Paulo sobre o corpo social de Cristo e os carismas dados a cada um dos membros assumem pleno significado somente no contexto do amor, que é o princípio guia da vida cristã e a finalidade de tudo. Não pode ser diversamente, porque «Deus é amor» (1 Gv 4,8), e, portanto, quem vive a age nele não pode encontrar motivação mais legítima e potente para suas aspirações e ações, que devem sempre levar em consideração a perspectiva da eternidade.

«*Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e dos anjos, se eu não tivesse o amor*» (13,1); «*Ainda que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência; ainda que eu tivesse toda a fé... se não tivesse o amor*» (13,2); «*Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse o meu corpo às chamas, se eu não tivesse o amor*» (13,3). São Paulo refere-se às várias realidades da vida humana: as competências adquiridas, os dons e os carismas recebidos, as obras realizadas. Todas têm um sentido somente quando são motivadas pelo amor e se tornam um modo de realizá-lo em relação a outras pessoas. De outra forma não significam nada e não dão nada.

«*O amor é paciente, o amor é prestativo; não é invejoso, não se ostenta, não se incha de orgulho. Nada faz de inconveniente, não procura seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas*

III. PONTO PARA AS REFLEXÕES

«A sinodalidade (...) indica o específico *modus vivendi et operandi* da Igreja Povo de Deus que manifesta e realiza em concreto o seu ser comunhão no caminhar junto, no reunir-se em assembleia e no participar ativamente de todos os membros à sua missão evangelizadora» (Comissão teológica internacional, *A sinodalidade na vida e na missão da igreja*, 6). Este específico modo de viver e de agir da Igreja não é um conceito que foi artificialmente imposto à realidade da Igreja. Ao contrário, nasce da profunda reflexão do Vaticano II sobre a natureza da Igreja. A sinodalidade não pode, portanto, ser entendida, e muito menos atuada, somente em termos de um novo método ou de um novo estilo de ser Igreja, mas como uma consequência natural da identidade da Igreja, povo de Deus. Baseia-se também na teologia de São Paulo, que compara a Igreja ao corpo de Cristo. Esta imagem ajuda a compreender a importância da sinodalidade para a vida e ação da comunidade do povo de Deus, do qual faz parte também a nossa Congregação e toda a Família São Paulo.

1. A sinodalidade: mentalidade a ser assumida

«*De fato, o corpo é um só, mas tem muitos membros; e no entanto, apesar de serem muitos, todos os membros do corpo formam um só corpo. Assim acontece também com Cristo*» (12,12). A imagem do corpo ajuda-nos a entender a ideia de unidade na multiplicidade. A unidade não pressupõe nem pode consistir na uniformidade, mas revela o modo no qual existe a diversidade. Não é um caos, mas unidade ordenada que não destrói a especificidade de nenhum membro, mas a valoriza.

«*O olho não pode dizer à mão: “Não preciso de você”; e a cabeça não pode dizer aos pés: “Não preciso de vocês”*» (12,21). Num corpo não há coerência e harmonia interior. O respeito por todo o corpo implica a aceitação de cada um dos seus membros. Cada membro se beneficia da presença e do bom funcionamento dos outros membros.

«*...não haja divisão no corpo, mas os membros tenham igual cuidado uns para com os outros*» (12,25). Da ideia da unidade do corpo segue o princípio da complementariedade. Alguns membros são necessários aos outros, porque nenhum é autossuficiente. O bem-estar de todo o corpo, isto é, de todos os seus membros, é fruto de seu cuidado recíproco.

«*Se um membro sofre, todos os membros participam do seu sofrimento; se um membro é honrado, todos os membros participam de sua alegria*» (12,26).

São Paulo refere-se à empatia como uma das características do funcionamento do corpo. A dor de uma parte é sentida por todo o corpo, também a ação destinada ao bem-estar de um membro é sentida por todo o corpo.

Confronto com a palavra de Deus

À luz desta palavra, lê o trecho do *Instrumentum laboris*: RECONHECER a nossa situação, 18. *O grande desafio da Igreja e da Congregação* (p. 42-43) e INTERPRETAR à luz da fé, 20. *A sinodalidade: mentalidade a assumir* (p. 46-47).

O espírito de sinodalidade cresce pela consciência de pertencer a um só corpo: de Cristo, da Igreja, da Congregação, e de um sentido de responsabilidade por estas comunidades. Neste contexto, “eu” resta um modo de definir a unicidade e a especificidade da própria pessoa, mas é também alargado a todo o organismo, fato que torna verdadeira a afirmação: Cristo é também o que sou, a Igreja é também o que sou, a Congregação é também o que sou. Aqui não há lugar para a indiferença para com a comunidade ou o desinteresse pelas suas necessidades e a sua missão.

Compreender a pertença a uma comunidade como parte da própria identidade leva à confissão: não sou autossuficiente, preciso dos outros para formar uma comunidade com eles, isto é, para realizar quem sou. A compreensão desse princípio, todavia, não pode ser reduzida a olhar somente aos demais de modo egoístico, como se fossem obrigados a satisfazer as minhas necessidades. As expectativas que tenho em relação aos meus irmãos são inextricavelmente ligadas aos meus deveres para com eles, que têm o direito de esperar pelo meu empenho para o bem deles.

Ressonâncias pessoais

Como exercito a responsabilidade pela minha comunidade, a Congregação e a Família Paulina?

A gratidão pelos dons dos outros irmãos está presente na minha vida?

Uso de boa vontade e generosamente os dons recebidos de Deus para o bem da Congregação e da sua missão?

2. Trabalho em equipe

«*Ora, vocês são o corpo de Cristo e são membros dele, cada um no seu lugar*» (12,27). São Paulo orienta o nosso pensamento rumo à comunidade dos cristãos entendida como corpo de Cristo. Portanto, a natureza e as funções dessa comunidade podem ser plenamente compreendidas somente em chave

sobrenatural. Jesus Cristo é o colante da comunidade cristã, n’Ele tudo adquire o seu verdadeiro significado e ganha a sua justa direção de crescimento e de ação. O Corpo de Cristo se esforça por aquilo que Cristo mesmo se esforça, deseja aquilo que Cristo deseja. A realização destas aspirações concretiza-se em cada compromisso, atividade, função... que foram delegados aos membros da comunidade. Cada qual tem a “própria parte” na missão do conjunto e a realiza desempenhando as competências e as responsabilidades que lhe foram delegadas.

«*Aqueles que Deus estabeleceu na Igreja são, em primeiro lugar, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres... A seguir vêm os dons dos milagres, das curas, da assistência, da direção e o dom de falar em línguas*» (12,28). São Paulo explica a essência dos carismas na Igreja. Podemos entender seu ensinamento de modo mais amplo como indicações sobre como usar também os dons pessoais que recebemos de Deus.

Cada membro da comunidade, que recebeu a própria parte de tarefas no funcionamento de todo o corpo, as realiza em harmonia com aquilo que é. De fato, os carismas e os demais dons foram inscritos numa pessoa particular e constituem sua unicidade e complementariedade com os outros. O melhor uso destes dons, todavia, consiste em usá-los para o bem do todo, segundo o princípio: «*A cada um foi dada uma manifestação especial do Espírito para o bem comum*» (1Cor 12,7).

O bem comum, portanto, pressupõe e pode ser realizado na cooperação dos membros. Somente assim o corpo, isto é, a comunidade, pode se desenvolver e cumprir as tarefas que lhe foram confiadas.

Confronto com a palavra de Deus

À luz desta palavra, lê o trecho do *Instrumentum laboris*: RECONHECER a nossa situação, 19. *A sinodalidade aplicada/encarnada* (p. 43-45) e INTERPRETAR à luz da fé, 21. *Trabalho em equipe* (p. 47-48).

A ideia de um único corpo de Cristo que todos nós formamos traduz-se numa compreensão da nossa identidade como também numa metodologia de ação. Todos os movimentos e as manifestações de atividade de cada membro são finalizados ao bem comum e ao conseguimento dos objetivos de todo o corpo. Trata-se, portanto, de coordenação e colaboração. Em nossa realidade religiosa, isto significa o exercício responsável do ministério da autoridade e o trabalho de grupo, isto é, a interação voluntária e responsável de cada membro com seus superiores e entre eles.